

Indústria avança, mas ainda está distante do pré-crise

Setor volta a esboçar reação em junho, sob impulso da produção de veículos

Diego Garcia

RIO DE JANEIRO Mais uma vez influenciada pela produção de carros e caminhões, a indústria brasileira voltou a esboçar uma retomada no mês de junho, com alta de 8,9% na comparação com maio, de acordo com o IBGE. Porém, o setor ainda está longe de retomar os 26,6% perdidos durante o avanço da Covid-19 no Brasil.

A retomada gradual das atividades —principalmente no segmento automobilístico— em meio à pandemia já havia feito a produção industrial do Brasil iniciar recuperação em maio, com crescimento de 8,2% em relação a abril. Os dois últimos meses juntos, contudo, não conseguiram resgatar todas as perdas na pandemia, segundo o IBGE.

De acordo com o gerente da pesquisa, André Macedo, embora tenha crescido bastante, com expansão de 17,9% nos meses de maio e junho, a produção industrial ainda está longe de eliminar a perda concentrada nos meses de março e de abril. “O saldo negativo desses quatro meses é bastante relevante (-13,5%).”

Em abril, considerado o fundo do poço da indústria até o momento, o registro negativo havia superado até a queda de 11% de maio de 2018, quando ocorreu a greve dos caminhoneiros. Porém, aquela produção foi reposta no mês seguinte, algo que não aconteceu agora, já que as medidas de isolamento social continuaram em maio.

O acumulado do primeiro semestre de 2020 registra um recuo de 10,9% na produção industrial. Em 12 meses, a queda foi de 5,6%, retração mais intensa desde dezembro de 2016, quando havia caído 6,4%. Em relação a junho de 2019, a indústria diminuiu 9%, oitavo resultado negativo seguido nessa comparação.

O IBGE apontou que o resultado positivo de junho foi influenciado pelo setor de veículos automotores, reboques e carrocerias, que avançou

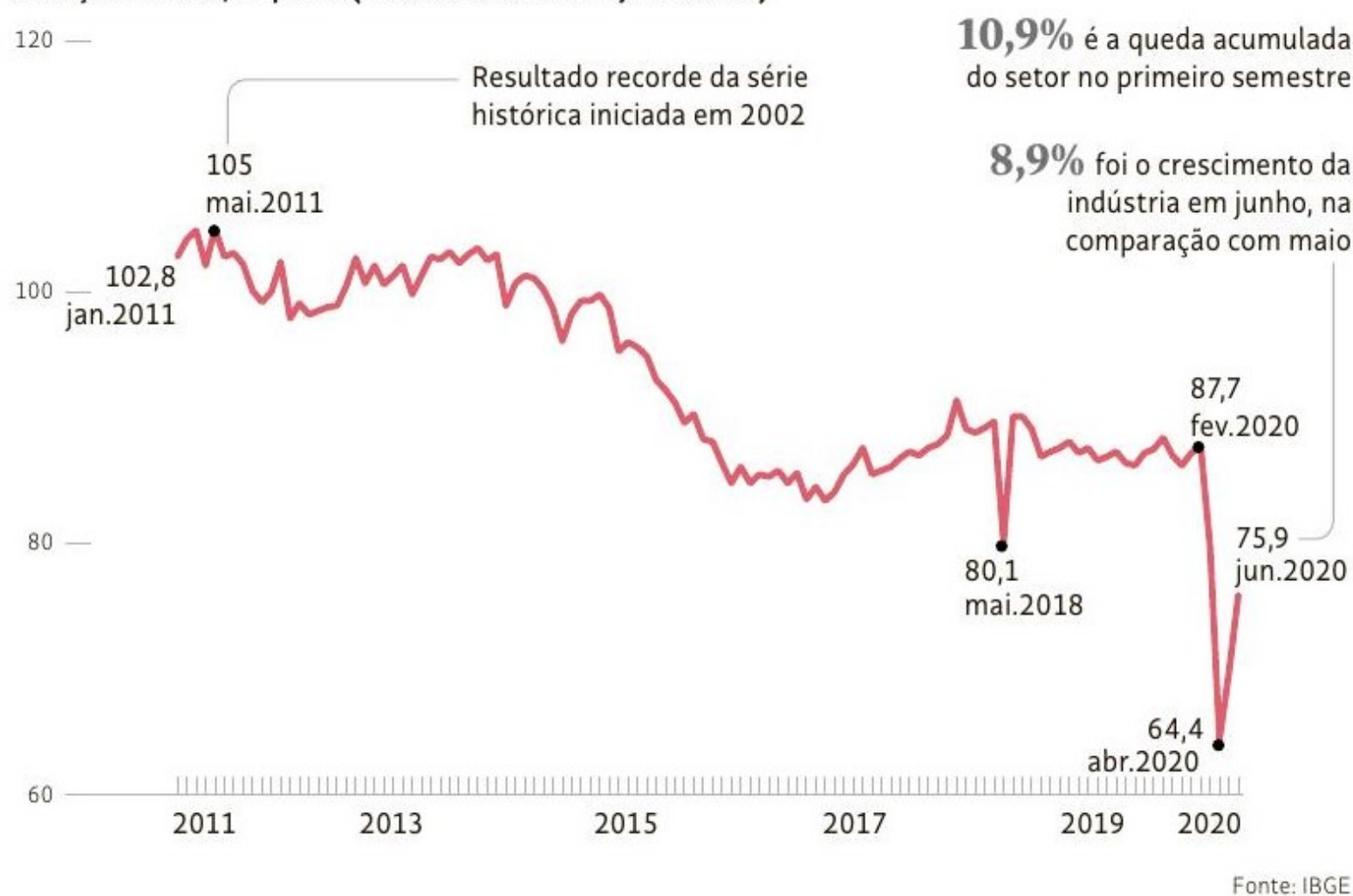
Produção industrial cresce em junho

Resultado das grandes categorias econômicas da indústria em junho

Em %	Varição junho/maio 2020	Varição junho 2020/junho 2019	Acumulado nos últimos 12 meses
Categoria			
Bens de capital	13,1	-22,2	-11
Bens intermediários	4,9	-5,9	-4,2
Bens de consumo	15,9	-11,6	-6,8
Duráveis	82,2	-35,1	-16,9
Semiduráveis e não duráveis	6,4	-5,6	-4

Apesar da alta em junho, a produção industrial ainda está abaixo do nível pré-crise do coronavírus

Produção industrial, em pontos (Índice de base fixa com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE

70% em junho, puxado principalmente pela produção de carros e caminhões.

“Esse segmento acumulou expansão de 495,2% em dois meses consecutivos de crescimento na produção”, disse o gerente da pesquisa. Ele lembrou, porém, que o ramo está 53,7% abaixo de fevereiro, antes da pandemia.

O setor de outros equipamentos de transporte, que engloba as motocicletas, também se destacou em junho e cresceu 141,9%, após expansão positiva também no mês

de maio (57%). Contudo, segundo André Macedo, esses avanços estão longe de superar as perdas observadas em março e abril.

A Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) apontou que indústria automobilística viu sua produção cair pela metade no primeiro semestre e estima uma retomada lenta, com previsão de duração até 2025.

De acordo com o presidente da instituição, Luiz Carlos Moraes, a situação geral do se-

tor é de uma crise maior que as enfrentadas nas décadas de 1980 e 1990 e na recessão econômica de 2015/16. “Ela veio num momento em que as empresas projetavam um crescimento anual de quase 10%.”

O setor de automóveis projeta que o ano termine com uma produção de 1,63 milhão de automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus, volume 45% inferior ao que ocorreu em 2019. A Anfavea também projeta exportação de 200 mil unidades, uma queda de 53%, e calcula ven-

das de 1,675 milhão de veículos, redução de 40%.

No primeiro semestre, a Anfavea informou ainda que registrou o licenciamento de 808,8 mil autoveículos, retração de 38,2% na comparação com o mesmo período do ano passado. Já as exportações totalizaram 119,5 mil, queda de 46,2%.

Os setores de alimentos e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, por outro lado, caíram no mês de junho.

O primeiro vinha de resultados positivos, enquanto o restante da indústria estava em queda, além de queda no açúcar, o que contribuiu para o resultado. Já o segundo mostrou um recuo natural depois de expansão de 16,3% em maio, segundo André Macedo.

Entre as grandes categorias econômicas, todos os ramos tiveram registro positivo.

Bens de consumo duráveis (82,2%) e bens de capital (13,1%) foram para o segundo mês seguido de expansão, com avanços de 287,4% e 47,3% desde maio. Mesmo assim, ainda bem abaixo de antes da pandemia (-40,1% e -27,1%, respectivamente).

Renata de Mello Franco, economista do FGV-Ibre, apontou que o crescimento positivo apontado pelo IBGE no setor de veículos no mês de junho é reflexo da reabertura das fábricas, que ficaram fechadas nos primeiros meses de pandemia. “Não podemos falar que é um momento de recuperação da indústria.”

Otto Nogami, economista do Inspier, também teme uma segunda onda de contaminação pela Covid-19. Ele acha difícil que o Brasil recupere o patamar pré-crise até o fim do ano e apontou que o início da pandemia, que provocou medidas de isolamento com o fechamento de bares, restaurante e comércio, deixou o país em uma situação de recessão profunda.

“Estamos em um patamar semelhante a 2009, quando houve retração da atividade econômica pela crise nos EUA. Mas desta vez estamos sem condições de estímulo nenhum por parte do governo, dado o comprometimento das contas.”

Para Gilberto Braga, economista e professor do Ibmec, o segundo semestre será de recuperação, mas sem atingir níveis suficientes para recuperar o patamar de 2019. “Vamos fechar próximos de zero.”

Consumo de energia volta a patamares de 2019 e pode retardar reajustes

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Após despençar mais de 10%, o consumo de energia no Brasil começa a retomar a níveis anteriores à crise do coronavírus. A recuperação pode reduzir a necessidade de novos reajustes nas tarifas para compensar o efeito da queda nas vendas sobre a receita futura do setor.

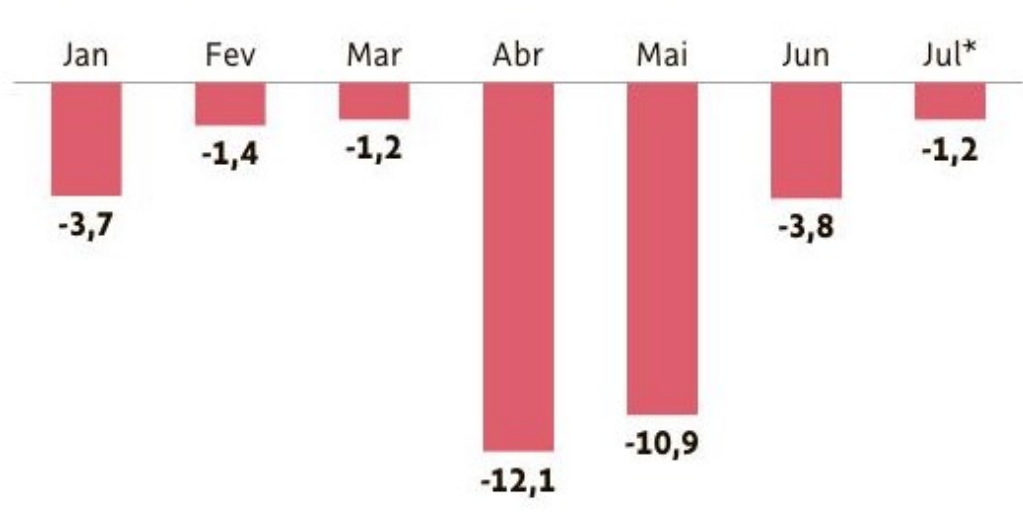
A crise levou o ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico) a ter que desperdiçar energia das grandes hidrelétricas da região Norte, que atingiram a plena capacidade justamente em um momento de queda abrupta na demanda por eletricidade no país.

“Pela primeira vez, tivemos à disposição todo o potencial do Norte. Concluímos a usina de Belo Monte, tínhamos 100% das usinas do rio Madeira e o sistema de transmissão estava pronto”, diz o diretor de Operação do ONS, Sinval Zaidan Gama. “Mas, como teve redução da carga, acabamos ficando com muito mais energia disponível.”

Dados preliminares apontam, porém, que, desde o fim de julho, o consumo vem passando os volumes verificados no mesmo período do ano anterior. Para agosto, a expecta-

Consumo de energia se recupera após a crise

Varição em relação ao mesmo período do ano anterior (%)



Setores com recuperação em julho (%)

Saneamento	36
Comércio	15
Bebidas	14
Alimentícios	10
Manufaturados	7
Químicos	6
Minerais não metálicos	5

*entre os dias 1 e 24 Fonte: CCEE

tiva é de crescimento de 1,3%.

Gama diz que a temperatura mais elevada em julho ajudou a melhorar o consumo, mas o fator preponderante é a retomada das atividades econômicas. “Toda vez que o isolamento diminui numa certa região, a carga tende a voltar.”

Em abril, considerado o pi-

or momento da crise, a demanda ficou 11,6% menor do que a verificada no mesmo mês de 2019. A queda levou o governo a elaborar um pacote de socorro, com empréstimo de R\$ 14,8 bilhões.

A ajuda teve como objetivo garantir liquidez às distribuidoras de eletricidade para o

pagamento de seus contratos de compra de energia e de uso da rede de transmissão.

Segundo a CCEE (Câmara Comercializadora de Energia Elétrica), o crescimento da demanda foi puxado pelos setores de saneamento, comércio, alimentícios e bebidas, que experimentaram em julho elevações superiores a 10% no consumo de energia.

A entidade calcula que, entre 1º e 24 de julho, o consumo nacional de energia ficou apenas 1,2% abaixo do verificado no mesmo mês do ano anterior. Em abril, a queda havia sido de 12,1%. A recuperação foi maior no mercado livre, onde estão os grandes consumidores.

“Está diminuindo bastante o isolamento, muitas cidades estão abrindo, os shoppings voltando, ainda que com restrições, e muitas atividades industriais retomando as operações”, comenta Nivalde de Castro, do Grupo de Estudos do Setor Elétrico da UFRJ.

Dados do IBGE mostram que a produção industrial brasileira cresceu acima de 8% por dois meses consecutivos, puxada principalmente pela reabertura das fábricas de automóveis. Ainda assim, o desempenho está longe de retomar a perda de 26,6% dos primeiros meses de crise.

Para especialistas no setor, a retomada do consumo reduz o risco de novo tarifaço até o fim do ano, quando

a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) deve começar a discutir pedidos para revisão tarifária extraordinária.

O empréstimo de R\$ 14,8 bilhões antecipou às empresas recursos que teriam com o reajuste anual, este ano pressionado pelos efeitos do câmbio sobre as tarifas de Itaipu, pela entrada de novas linhas de transmissão e por maior gasto com subsídios. Sem o socorro, defende o governo, o reajuste médio das tarifas poderia superar os 12%.

Mas as distribuidoras querem também discutir os impactos futuros da crise.

Castro lembra que uma retomada mais rápida minimiza essas perdas. “Consequentemente, pode não haver a necessidade de revisões tarifárias extraordinárias”, diz.

Segundo o Ministério de Minas e Energia, houve grande redução também no nível de inadimplência, o que ajudou a melhorar o fluxo de caixa das distribuidoras. Nos últimos 60 dias, o indicador ficou em 0,73%, bem abaixo da média de 2,4% registrada no primeiro semestre de 2019.

Desde o início da pandemia, a taxa está em 6,6%.

Mesmo com o aumento da demanda, ainda não é possível dizer se o Brasil precisará acionar térmicas em um volume que justifique a retomada de bandeiras tarifárias cobradas na conta de luz, diz o diretor do ONS.